

# **Agricultura Urbana, Mercado de Trabalho, Renda e Família\***

**Felipe da Silva Machado\***

Palavras-chave: Agricultura Urbana; Interação Rural-Urbana; Migração; Rio de Janeiro

## **Resumo**

A Agricultura Urbana segundo a FAO é definida como, o conjunto de atividades agrícolas ou de criações típicas do rural: cultivo, criação, pesca que são realizadas no interior da cidade, intra-urbana, ou no entorno da cidade, periurbana. Normalmente desenvolve-se em pequenas áreas e sua produção em pequena escala é destinada para consumo próprio ou venda. A partir dessa definição pode-se afirmar que a agricultura urbana é uma atividade que auxilia a inserção no mercado de trabalho metropolitano, os migrantes, principalmente os que já desempenhavam na sua cidade natal atividades agrícolas.

Num estudo realizado nas áreas de transmissão da Light Serviços de Eletricidade S/A, áreas onde a agricultura é incentivada pela empresa de energia elétrica em espaços densamente urbanizados, contatei que 68% dos produtores de horticultura migraram do Norte e Nordeste do país, desses, mais de 80% já eram agricultores na sua cidade natal e nunca desempenharam na metrópole serviços não-agrícolas. Outra análise que realizei foi na estrutura familiar dessas famílias agrícolas que vivem em áreas urbanas, onde foi constatado que é uma estrutura diferente da estrutura familiar das famílias que habitam ambientes tipicamente rurais. E por último realizei uma análise na renda média do produtor, que algumas vezes excedem ou é igual à renda de um trabalhador de atividades não-agrícolas, essa variação está na agregação de valor da mercadoria, como por exemplo, na escolha de cultivos que são valorizados no mercado urbano, como os de plantas ornamentais ou de plantas medicinais.

O principal objetivo desse trabalho é entender se a agricultura urbana nessas áreas vem conseguindo cumprir sua função no atendimento aos interesses do agricultor considerando a produção agrícola em si, e se poderia ser uma forma de amenizar a pobreza e a desigualdade tão presente na metrópole carioca.

---

\* Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

♣ UFRJ-felipemachado1@gmail.com/ Bolsista do Projeto de Pesquisa “Re-estruturação espacial na interação rural-urbana e desenvolvimento sustentável”. Financiada pelo PIBIC-CNPQ. Departamento de Geografia/UFRJ. Coordenadora: Profa Dra Ana Maria de Souza Mello Bicalho.

# **Agricultura Urbana, Mercado de Trabalho, Renda e Família\***

**Felipe da Silva Machado\***

## **Introdução**

A agricultura urbana segundo a FAO é definida como, o conjunto de atividades agrícolas ou de criações típicas do rural: cultivo, criação, pesca que são realizadas no interior da cidade, intra-urbana, ou no entorno da cidade, periurbana. Normalmente desenvolve-se em pequenas áreas e sua produção em pequena escala é destinada para consumo próprio ou venda. A partir dessa definição pode-se afirmar que a agricultura urbana é uma atividade que auxilia a inserção no mercado de trabalho metropolitano, os migrantes, principalmente os que já desempenhavam na sua cidade natal atividades agrícolas.

Inicialmente farei uma discussão teórico-conceitual da agricultura urbana, posteriormente apresentarei um exemplo de caso, onde se constata a importância dessa atividade para o mercado de trabalho urbano e para geração de renda familiar.

Nesse trabalho desejo ressaltar a importância da agricultura urbana na economia urbana. Para isso, trago um exemplo de estudo que realizei nas áreas de transmissão da Light Serviços Eletricidade S/A, áreas onde a agricultura é incentivada pela empresa de energia elétrica em espaços densamente urbanizados, contatei que 68% dos produtores que trabalham nessas áreas com horticultura migraram do Norte e Nordeste do país, desses, mais de 80% já eram agricultores na sua cidade natal e nunca desempenharam na metrópole serviços não-agrícolas. Outra análise que realizei foi na estrutura familiar dessas famílias agrícolas que vivem em áreas urbanas, onde foi constatado que é uma estrutura diferente da estrutura familiar das famílias que habitam ambientes tipicamente rurais. E por último realizei uma análise na renda média do produtor, que algumas vezes excedem ou é igual à renda de um trabalhador de atividades não-agrícolas, essa variação está na agregação de valor da mercadoria, como por exemplo, na escolha de cultivos que são valorizados no mercado urbano, como os de plantas ornamentais ou de plantas medicinais.

Por último, pretendo entender se a agricultura urbana nessas áreas vem conseguindo cumprir sua função no atendimento aos interesses do agricultor considerando a produção agrícola em si, e se poderia ser uma forma de amenizar a pobreza e a desigualdade tão presente na metrópole carioca.

## **Discussão teórico-conceitual**

A agricultura urbana se enquadra no conjunto de atividades agrícolas ou de criações, típicas do rural: cultivo, criação, pesca que são realizadas no interior da cidade, intra-urbana,

---

\* Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

♣ UFRJ-felipemachado1@gmail.com/ Bolsista do Projeto de Pesquisa “Re-estruturação espacial na interação rural-urbana e desenvolvimento sustentável”. Financiada pelo PIBIC-CNPQ. Departamento de Geografia/UFRJ. Coordenadora: Professora Dra. Ana Maria de Souza Mello Bicalho.

ou no entorno da cidade, peri-urbana. Normalmente desenvolve-se em pequenas áreas e sua produção em pequena escala é destinada para consumo próprio ou venda.

LEFEBVRE (1978) apontava que a relação entre o urbano e o rural gera formas criativas e dinâmicas de ocupação e uso da terra, o que traz como consequência, o campo se perdendo no seio da cidade, e esta, absorvendo o primeiro, perde-se nele.

O processo de urbanização acelerado das grandes metrópoles brasileiras tem originado intensas transformações no espaço urbano e peri-urbano das cidades, expondo áreas antes predominantemente agrícolas ao impacto da urbanização.

O estudo da agricultura metropolitana é bem disseminado mundialmente, já foram desenvolvidos trabalhos nas metrópoles dos Estados Unidos, da Inglaterra, Canadá e Austrália. No Brasil, BICALHO (1992) e TUBALDINI E RODRIGUES (2000) já realizaram esses estudos no Rio de Janeiro/RJ e em Ibitiré/MG, respectivamente.

BRYANT e JOHNSTON (1982), classificam a agricultura metropolitana aquela praticada no interior das metrópoles ou em áreas próximas, desde que o raio seja de 80 a 100 Km de distância do centro metropolitano, e que exista uma forte interação entre usos do solo rural e urbano.

A agricultura metropolitana possui uma multifuncionalidade espacial. Segundo BICALHO (1998) a interação multifuncional do produtor e sua família com as atividades agrícolas e não-agrícolas, internas e externas à produção rural, decorrente da natureza do ambiente simultaneamente rural e urbano que oferece oportunidades em setores econômicos diferenciados. A autora observa que a metropolização do espaço é muito mais complexa do que um mero avanço urbano sobre o campo, dando origem a espaços interativos do urbano com o rural nos quais se mantêm atividades agrícolas dinâmicas.

Outra característica importante dessa agricultura é sua afinidade pela horticultura. LAWRENCE (1988) justifica isso pelas características do cultivo de hortaliças, que ocupam áreas relativamente pequenas, mas conseguem produzir quantidades elevadas. Segundo o autor a horticultura por talvez pagar menos impostos, já que ocupam áreas pequenas, se tornam mais rentáveis, além de apresentarem menor susceptibilidade com problemas associados com a fragmentação dos terrenos e com a menor expansão. No seu trabalho ele elabora uma análise das mudanças nas vendas de 15 países, nela concluiu que certos tipos de produção agrícola declinaram ou desapareceram do mercado agrícola metropolitano, enquanto outros se mantiveram, e apenas a horticultura tem mantido uma grande diferença na intensidade da produção metropolitana ou não-metropolitana. A produção de hortaliças aparece nos dois mercados (“in both inner”) e em outras partes da franja urbana.

TUBALDINI e RODRIGUES (2000) afirmam que apesar da predominância do uso do solo com horticultura, há também uma convivência complementar, conflitantes ou meramente justapostas de atividades e serviços voltados a interesses e necessidades tanto rurais quanto urbanas.

Diferente de regiões tipicamente agrícolas, onde dominam atividades agropecuárias em propriedades de consideráveis dimensões em áreas distantes dos principais centros urbanos, a agricultura praticada próximo às grandes cidades apresenta particularidades que lhe confere uma identidade no conjunto da organização espacial da atividade agrícola. Esta particularidade é resultante da estrutura fundiária, dos tipos de produtos cultivados, das relações de trabalho e das formas de comercialização da produção (BICALHO, 1992).

Por muito tempo conhecida como cinturão verde, as áreas de agricultura metropolitana (BICALHO, 1991) ou agricultura suburbana (LOUREIRO, 1983) são zonas de produção agrícolas localizadas próximas aos centros urbanos e que apresentam como principal característica a produção de hortifrutigranjeiros em pequenas propriedades para consumo mais imediato de produtos “in natura”.

MOREIRA (p.305, 2005) destaca:

“No rural metropolitano podem coexistir atividades de criação, captura de animais (pecuária, aqüicultura e pesca), cultivo, extração mineral e vegetal e, portanto, campo agrícola, campo pesqueiro, campo agrário, campo extrativista e campo agroindustrial, em interação estratégica com elementos culturais como festas, crenças, atividades de lazer que assumem caráter econômico e expressões de sociabilidade, sejam apropriadas ou não como mercadorias.”

Podemos então compreender o rural na indeterminação do vir a ser de uma existência que simultaneamente consegue integrar parcialmente ou até totalmente, o territorial, o físico, o econômico, o social, o cultural, o ideológico, o natural, o institucional e o pessoal como história legitimamente construída por seus sujeitos constituintes (MOREIRA, 2005). Já a cidade nesse contexto é movida pela modernidade que constrói uma urbanidade que traz consigo um privilégio para os artefatos materiais e imateriais de controle e ordenamento sociais. Por isso devemos enxergar o “espaço rural e o espaço urbano concebidos como partes constitutivas de uma totalidade que se forma na diversidade”. (MARQUES, 2002).

Embora toda atividade agrícola esteja voltada, em última instância, para atender as demandas dos grandes mercados consumidores, localizados nas cidades, a distribuição espacial das atividades agropecuárias pode ser considerada como um elemento importante nas formas diferenciadas de uso da terra. O estudo da distribuição espacial da atividade agropecuária tem como referência básica os estudos de Von Thünen e de Sinclair. (BICALHO, 1992).

O modelo criado por Von Thünen no século passado tem sido a base dos debates sobre a localização das atividades agrícolas, seja para confirmá-las ou refutá-las, ele demonstra que o padrão de distribuição espacial das atividades agropecuárias é determinado pela presença de um centro consumidor, a partir do qual as atividades agrárias estariam distribuídas em intensidades de uso da terra decrescentes.

Neste modelo, criado em condições espaciais homogêneas e considerando apenas o custo de transporte, que se mostrava diretamente proporcional à distância das áreas de produção até a cidade, as atividades mais intensivas e valorizadas ou cuja produção tivesse maior grau de perecibilidade, estariam localizadas mais próximas ao centro consumidor, enquanto que as menos intensivas estariam mais afastadas. Mesmo com o desenvolvimento tecnológico nas áreas de transporte e preservação de alimentos, que mudariam ou invalidariam este modelo, o padrão espacial de distribuição das atividades agrícolas postulado por Von Thünen pode ser encontrado em vários trabalhos.

Aportando tendência contrária na distribuição espacial dos cultivos e das criações são os trabalhos de E. JUILLARD (1961) e SINCLAIR (1967) que indicam a presença de atividades extensivas e de baixa rentabilidade próximas aos centros urbanos, estando a periferia urbana à espera de sua provável conversão em áreas edificadas em função do crescimento das cidades, procedendo-se assim, uma especulação imobiliária. (BICALHO, 1992).

Mais recentemente, a partir da década de 1980, a agricultura metropolitana passa a ter um enfoque mais amplo, sendo considerada parte integrante da combinação de forças do próprio contexto agrário regional e de forças urbanas. A agricultura metropolitana se

manifesta de diferentes maneiras, considerando-se suas relações com a cidade e as suas próprias características. As formas de inserção da produção agrícola, desenvolvida em áreas de influência ou domínio urbano, sugerem que existam diferentes ambientes agrícolas em processo de transformação.

Segundo (BRYANT apud BICALHO, 1992, p.287), é possível encontrar três diferentes ambientes agrícolas em áreas metropolitanas:

- De degeneração agrícola, onde as forças urbanas suplantam as demais e a agricultura declina;
- De adaptação agrícola, marcado por incertezas e grande variação na atuação das forças urbanas e não-urbanas;
- De desenvolvimento agrícola, onde existem condições para a realização da prática agrícola, em função da existência do próprio mercado urbano regional.

## **Agricultura Urbana nas linhas de transmissão da Light Serviços de Energia S/A**

A chegada de serviços de eletricidade no Rio de Janeiro desempenhou um papel fundamental na expansão da cidade. A Light, atual concessionária de serviços públicos de fornecimento de energia elétrica, desde 1905, é a empresa responsável por desempenhar tal serviço no município. Iniciou sua produção com uma usina à vapor, com intuito de conquistar clientes, enquanto construía uma barragem e uma usina hidroelétrica. Apesar de não terem ainda o controle da Societé Anonyme du Gaz, que monopolizava a produção de gás e a iluminação da cidade, a empresa comprou na época uma pequena fornecedora de energia elétrica da própria Societé Anonyme du Gaz, companhia belga, para iluminar algumas ruas e passou a substituí-la nesta empreitada. Dois anos depois, tinha duas usinas termoeletricas, as quais forneciam energia para a iluminação e para as empresas de bondes da Zona Norte, que estavam todas sob seu controle. Para que a Light pudesse fornecer energia aos grandes e crescentes consumidores, o Governo Federal concedeu a essa empresa determinadas áreas onde a empresa fixaria as torres da faixa de linhas de transmissão de alta tensão.

Ainda hoje no município essas áreas se apresentam em forma de linhas, que cortam diversos bairros da cidade. Por questões de segurança, nelas é proibida a construção de habitações e o uso deve ser controlado, evitando a ocupação densa. O melhor projeto de controle, na época contemplava a ocupação dessas áreas com alguma cultura agrícola adequada para faixa de segurança, que não impedisse as periódicas manutenções técnicas. O uso agrícola foi adequado para a horticultura voltada ao abastecimento do consumo urbano-industrial em pleno crescimento.

Os serviços de eletricidade ultrapassaram os limites do município do Rio de Janeiro bem como de outros municípios, como São Paulo, estendendo as linhas de transmissão pelo país, normalmente associando o uso agrícola com culturas temporárias e pastagens sob as linhas de transmissão. Com isso, pelas necessidades das empresas de fornecimento de energia elétrica foi criada por legislação uma norma que regula os procedimentos para projetos de linhas aéreas de transmissão de energia elétrica, reformulada várias vezes e hoje reconhecida como NBR- 5422/85. As reformulações têm mantido a orientação básica que também fundamentam a Lei 9.433/97 inclusa na Política Nacional de Recursos Hídricos.

Hoje, no município do Rio de Janeiro, em alguns bairros ainda temos atividades agrícolas ocupando as faixas das linhas de transmissão. Mas com a grande expansão urbana da cidade, principalmente com o crescimento da favelização invadindo essas áreas da Light, está sendo necessário que a empresa crie novas estratégias para que a população não transforme esses espaços em locais de moradia, uma vez que a agricultura não está conseguindo desempenhar a função de segurança aliada à baixa densidade de ocupação da

área. Observa-se a construção de pequenas casas nos terrenos que aos poucos se transformam num aglomerado de casas, onde as pessoas convivem com as torres de alta tensão a uma distância de poucos centímetros (Foto 1), sendo aconselhável a distância de 30 metros.



Figura 1- Habitações sendo construídas numa distância de centímetros da torre de alta tensão. Fonte: Jornal Extra 14/07/2007

Desta forma, a Light junto com o poder público, representado pelo Instituto Pereira Passos, vem criando novas estratégias mais resistentes ao crescimento urbano do que as atividades agrícolas. Um exemplo é o projeto que pretende criar um parque em Madureira com áreas verdes, praças e ciclovias beirando a linha de transmissão de energia elétrica, gerando assim novas formas e funções para esse espaço (Foto 2).



Figura 2- Notícia sobre o projeto do IPP, estudo que contempla a criação de novas formas e funções para as áreas. Fonte: Jornal O Globo 12/11/2006

Meu interesse por estudar as áreas de agricultura urbana nas faixas das linhas de transmissão da Light surge:

- Da inexistência de trabalhos sobre essas áreas, que convivem com a população urbana há décadas junto com um projeto de estímulo específico de agricultura urbana da Light, em um município com pouca política de manutenção e estímulo para essa atividade na cidade;

- Do reconhecimento recente de que a agricultura urbana pode ser uma atividade dinâmica, não pertencente à “lógica” urbana, e que gera um espaço de interação rural-urbana específica (Foto 3).



Figura 3- Interação da agricultura urbana com o espaço urbano. Na foto agricultor urbano irrigando sua produção com mangueira d' água.

- Do quadro de grande preocupação com a segurança da população, requerendo uma re-funcionalização com novos usos do solo nas áreas das faixas de transmissão de energia elétrica, face aos riscos existentes.

## Metodologia

Para realização deste trabalho utilizamos dados primários, secundários e bibliografia pertinente ao tema. Inicialmente, com base em informações sobre produção agrícola do município do Rio de Janeiro oriundas do CEASA - Rio e IBGE geramos nossos primeiros dados secundários. A segunda etapa foi a delimitação das áreas agrícolas no município, reconhecendo-se intrusões agrícolas em espaços totalmente urbanizados. A área escolhida para o devido estudo, a faixa de segurança das linhas de transmissão da Light, é uma dessas áreas anômalas. O estudo da área requereu um levantamento de informações em campo nas áreas de horticultura junto aos produtores, e levantamento junto aos responsáveis da Light por essas áreas. Foram aplicados 22 questionários nos bairros de Coelho Neto, Rocha Miranda, Madureira, Honório Gurgel, Vila da Penha e Tijuca. Os produtores são dispersos ao longo da faixa e muitas vezes intercalados por áreas ociosas. Nas áreas levantadas o total de inquiridos representa 54 % dos produtores presentes em cada bairro. A bibliografia analisada de referência teórica discute os conceitos de agricultura urbana, agricultura metropolitana, interação rural-urbana, franja rural-urbana, espaço periurbano.

## Resultados

A função estratégica que a agricultura desempenha nas áreas é regulada por um contrato de comodato, onde celebram entre si a Light Serviços de Eletricidade, de um lado, e o comodatário, de outro lado, esses últimos então se prestam a serem agricultores. Fazendo uma análise dos resultados que obtivemos com os questionários aplicados percebemos que a grande maioria dos comodatários já desempenhava atividades agrícolas na sua cidade natal,

principalmente cidades do Nordeste do país, 63 % vieram do Nordeste, 5 % do Norte, 27 % do Sudeste e 5 % de Portugal (Tabela 1).

Tabela 1: Origem dos produtores

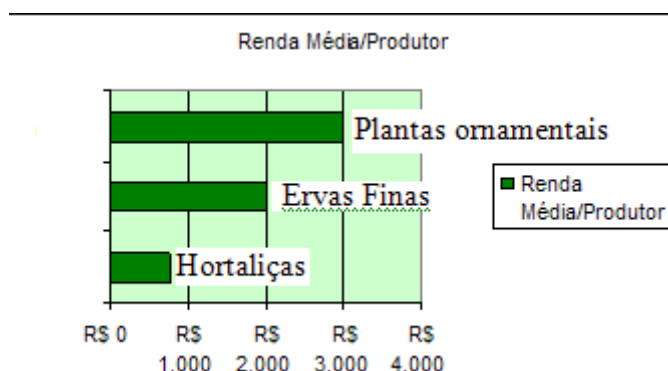
Nordeste	63%
Norte	5%
Sudeste	27%
São Paulo	9%
Rio de Janeiro	18%
Portugal	5%

Poucos tiveram um trajeto de agricultores para citadinos com e retorno a agricultores na agricultura urbana, 82% já eram agricultores em sua cidade natal, e somente 18% chegaram a trabalhar em setores não-agrícolas. Constituem como obrigações principais do comodatário, presente no contrato de comodato:

- Dedicar o uso da faixa de segurança a atividades de plantio de horticultura;
- Vedado o uso para fins habitacionais, comerciais, industriais, recreativos e culturais;
- Zelar pelo imóvel, mantendo-o em perfeito estado, defendendo sua posse, impedindo qualquer invasão;
- Manter as cercas e portões existentes no imóvel em perfeito estado de conservação;
- Garantir que todos aqueles que efetuarão os serviços de plantio, colheita e transporte estarão devidamente equipados.

Fazendo uma análise dos dados recolhidos junto com os 22 produtores entrevistados percebe-se que em relação à renda aqueles que produziam culturas de maior valor agregado obtinham uma renda bem superior, chegando a R\$ 3.000, enquanto os outros que comercializavam hortaliças, culturas predominante, geravam uma renda média de R\$ 765 (Gráfico 1), renda ainda rentável quando se observa a média da área de produção – 700 m<sup>2</sup>, seus lotes medem, por exemplo, 35 m x 20 m.

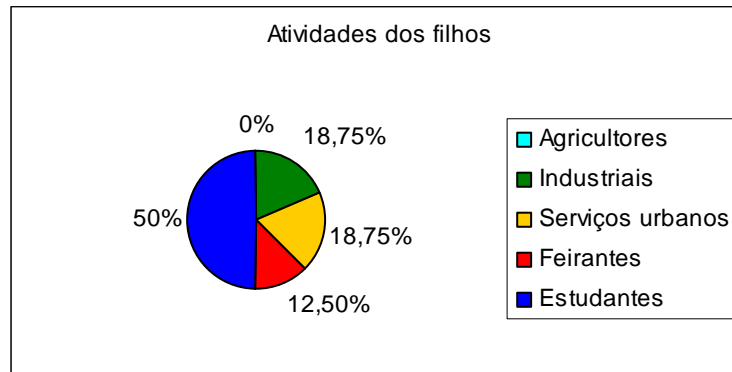
Gráfico 1



Na análise da comercialização dos produtos nota-se a predominância da venda direta ao consumidor (77 %) com entregas em domicílio ou comercializando em feiras livres, CEASA ou no próprio local de produção, enquanto que a venda para intermediários corresponde 23 % do total, ou seja, além de serem agricultores a grande maioria também desempenha o papel de feirante.

Quando se analisa o Gráfico 2 que nos informa as atividades desempenhadas pelos filhos dos agricultores percebe-se uma predominância por trabalhos não agrícolas, industriais com 18,75 % e os serviços urbanos com 18,75 %, nenhum filho desempenha a atividade de agricultor, mas de feirante (12,5%), fato que diferencia as famílias agrícolas urbanas das famílias rurais, onde os filhos normalmente desempenham atividades do campo com os pais.

Gráfico 1



Como foi verificado, nos dias de hoje não temos uma produção dinâmica em determinadas áreas, como por exemplo, nos bairros de Vila da Penha, onde parte dos terrenos tornou-se ociosa, ou em Coelho Neto cuja faixa da Light é circundada por ocupação, área que sofre com atitudes de vandalismo com a destruição de hortas e roubo de produção, por exemplo (Foto 4).



Figura 4- Linha de transmissão no bairro de Coelho Neto, até ano passado havia três agricultores produzindo nessa área, hoje só temos um que vem sofrendo com atitudes de vandalismo, levando a perda de parte da sua produção.

Percebemos que Madureira, Rocha Miranda, Honório Gurgel e Tijuca possuem atividades agrícolas mais dinâmicas. Ervas finas (Foto 5) constituem produtos de maior valor agregado e são comercializados na rede de hotelaria e de restaurantes do Rio de Janeiro através da CEASA. Seus produtos geram uma renda bem superior à média dos produtores. Na área da Tijuca a produção é de plantas ornamentais, produzindo mudas e vasos para jardins de condomínios da cidade. É a atividade de geração de maior renda. Essa atividade é uma nova estratégia de produção do produtor vistas como uma das opções às estratégias atuais da Light.



Figura 5- Além de hortaliças, em Coelho Neto os produtores cultivam plantas medicinais e ervas finas.

A dinâmica atual desta agricultura é resultado de um passado onde havia um incentivo da própria empresa por essa atividade, mas que hoje é enfraquecido, já que temos uma cidade com pressões pertencentes a “lógica” urbana cada vez mais intensa. Um dos motivos para esse enfraquecimento foi a inexistência de assistência técnica aos produtos durante todos esses anos. Projetam-se novas funções para esses espaços, que não sejam desempenhadas pela agricultura, esta já se mostrou mais resistente durante um período, mas atualmente não apresenta um caráter de resistência tão intenso. O que observaremos daqui alguns anos nessas linhas que foram ocupadas pela agricultura urbana durante tanto tempo? Uma área de lazer, uma avenida, uma área verde ou um aglomerado de habitações, onde as pessoas convivem com o risco de perderem suas vidas? Talvez a Geografia possa nos ajudar nesse exercício de reflexão.

## Conclusão

Através do estudo da dinâmica atual da agricultura urbana no município do Rio de Janeiro em faixas das linhas de transmissão da Light Serviços de Eletricidade S/A podemos constatar o papel estratégico que essa atividade desempenha como forma de ocupação e tendo a função de segurança com o controle e a resistência ao avanço do crescimento urbano, tendo como parceiro o agricultor.

O papel estratégico da empresa, além de beneficiar a própria, também incentiva uma atividade rentável e geradora de renda para alguns cidadãos. Porém constatamos que atualmente existem problemas para a manutenção e estímulo da agricultura urbana nessas áreas. Afirmamos que pode ser reforçada quando entendemos o surgimento de novas estratégias tipicamente urbanas para o uso do solo e as novas parcerias com instituições de cunho também urbano para a manutenção da segurança nessas áreas da Light.

Bicalho (1992) aponta que no Rio de Janeiro não há nenhuma política voltada para o crescimento dessa agricultura. O máximo que existe são tentativas e revisões de zoneamento do uso do solo, que por vezes acabam esbarrando num discurso de preservação de áreas agrícolas, vistas como áreas verdes. Caso houvesse esse estímulo, a agricultura carioca talvez resistisse mais ao avanço da cidade, quando o governo federal tomou medidas de formação e estímulo à pequena produção, visando ao abastecimento da cidade tivemos um exemplo desses. Parte da pequena produção atual do município, localizada, por exemplo, na Zona Oeste do Rio foi beneficiada por essas políticas, mostrando assim heranças que perpetuam até hoje.

Sabemos que a conversão de uso rural para uso urbano nem sempre resulta em melhorias para população local. O fim da prática agrícola no estudo de caso realizado nesse

trabalho e em outras áreas dos municípios brasileiros para usos urbanos, pode muitas vezes ampliar o desemprego, a redução da renda familiar e algumas vezes até o aumento da pobreza na cidade. É necessário repensar em as novas práticas e tendências para sua manutenção, já que a atividade agrícola é essencial para sustentação da população urbano-industrial.

## Referências Bibliográficas

1. ALENCAR, C. M. M. & MOREIRA, R. J. Campo e cidade metropolitanos: uma noção inteira para pensar o desenvolvimento humano contemporâneo. In: *Identidades Rurais: ruralidades no Brasil contemporâneo*/ Roberto José Moreira (Org.); Maria José Carneiro... [et al.]. Rio de Janeiro: DP&A, p. 295-316, 2005.
2. BICALHO, A. M. de S. M. Agricultura e meio ambiente no município do Rio de Janeiro. In: ABREU, M. de A. (Org.) *Sociedade e natureza no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, p. 285-316, 1992.
3. BICALHO, A. M. de S. M. *Sustainable metropolitan agriculture in Brazil*. In: Bowler, I. R.; Bryant, C. R. e Huigen, P.P. (Orgs) *Dimensions of sustainable rural systems*.Nederlans. Gronigen, p.97-104, 1998.
4. BRYANT, C. R. & JOHNSTON, T R. R. *The City's Countryside*. New York, USA, Longman Group Limited, 1982.
5. FIBGE. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro, 2000.
6. LAWRENCE, H. W. *Changes in Agricultural Production in Metropolitan Areas*, Professional Geographer, n.2, v. 40, 1988, p. 159-175.
7. LEFEBVRE, H. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Penninsula. 1978.
8. LOUREIRO, M.R. Garcia. *Terra, família e capital*. Petrópolis: Vozes, 1987.
9. MARQUES, M. I. M. *O conceito de espaço rural em questão*. Terra Livre. São Paulo, n. 19, p.95-112, 2002.
10. RODRIGUES, R. S. & TUBALDINI, M. A. dos S. *Agricultura Metropolitana e Sustentabilidade de Mário Campos –MG* In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 2002. Ouro Preto. MG.